



UM ANO FORA

Elle Kennedy

AUTORA BESTSELLER DA
SÉRIE OFF-CAMPUS

TOP
SEL
LER

*Este é para todos os londrinos.
Cada vez que visito a vossa cidade mágica,
é como se estivesse a voltar a casa.*

AGOSTO

1

Ele segue-me para todo o lado. Pensei tê-lo despistado quando entrei pela janela do meu quarto e dei a volta à piscina, até à lavandaria, apenas para ser confrontada com a voz grave do meu pai a falar-me do último esfaqueamento em Londres, perto de uma estação de metro. Através do altifalante pousado no balcão, ele começa a citar-me estatísticas de crimes a partir de algum lugar nesta casa.

Mas não. Eu não o vou ouvir. Não o ouço enquanto recolho a roupa da máquina de secar e a levo para o quarto, onde um forte de malas e caixas tomou conta de grande parte do chão. Tive várias semanas para fazer as malas. No entanto, não sei como, consegui adiar as tarefas mais demoradas até apenas uma hora antes de a minha boleia para o aeroporto chegar.

— Os crimes armados aumentaram para mais de seis mil...

Quando o meu pai volta a ligar, desligo o altifalante do quarto. Assim que me afastar deste código postal em segurança, irei falar com alguém para lhe cortarem a Internet. Ele vai ter um ataque cardíaco.

O meu telemóvel toca. Espero ver o nome do meu pai no ecrã, mas é a minha melhor amiga, a Eliza, por isso ligo-o ao altifalante e atiro-o para cima da cama.

— Lamento não ter ido — diz ela, em vez de um «olá». — Era para já estar de volta, mas a minha mãe teve de se meter numa grande discussão com o arrumador de carros por causa de uma moessa que tenho quase a certeza de que ela fez no seu próprio para-choques ao bater outra vez na carrinha do paisagista, por isso, ainda não...

— Está tudo bem. A sério. Não é nada de especial.

Começo a dobrar camisolas e *leggings*, enfiando-as apressadamente em organizadores de bagagem numa corrida frenética contra o relógio, cujo tempo marcado me obriga a parar de dobrar as peças de roupa e a atirá-las simplesmente para dentro da mala. Tudo se torna um ato de desespero amarrotado para fazer caber quarenta quilos de roupa na minha mala a rebentar. A visão de uma partida bem organizada que tinha há uns dias está agora a escapar-me por entre os dedos.

— Mas tu vais deixar-me — lamenta-se ela, da forma seca e relutante que lhe é tão característica. Todos os dias em que acorda e o mundo ainda não acabou são uma grande chatice, mas eu sou uma das poucas pessoas que ela não despreza por completo. É cativante. — Não te verei durante um ano. Vou ter saudades tuas.

Eu solto uma gargalhada.

— Isso pareceu-me doloroso.

— E foi — suspira ela. A verdade é que a Eliza nunca precisou ou sentiu falta de ninguém na sua vida.

— Agradeço o esforço. — É assim que sei que ela se preocupa comigo.

Na verdade, invejo a sua autoconfiança. O seu conforto geral consigo própria e a sua indiferença a coisas como ansiedade, dúvida ou medo. Ela podia ser largada em qualquer parte do mundo a qualquer momento e, desde que conseguisse encontrar uma chávena de café decente, estaria satisfeita.

O telemóvel emite um sinal sonoro com uma chamada a chegar. Prometo ligar à Eliza antes de entrar no avião e atendo a outra linha sem olhar para o ecrã, à espera da chamada das minhas futuras colegas de casa. Com a diferença horária e o tempo de viagem entre Nashville e Londres, esta será provavelmente a última oportunidade que terei de falar com elas antes de chegar à porta da minha nova casa.

— Estou?

— Em Londres, as mulheres entre os 16 e os 29 anos têm oito vezes mais probabilidade de serem vítimas de...

— Pai, a sério? Falaste com o Dr. Wu sobre a tua paranoia furiosa e ansiedade de separação?

— Filha, ouve. Londres pode ser um sítio perigoso para uma jovem. Eu vivi lá durante seis meses, sabes?

Sim. Toda a gente sabe. O meu pai esteve lá enquanto escreveu e depois gravou o seu 3.º álbum em Abbey Road, que serviu de inspiração para o título do 11.º álbum dos Beatles e, trinta e dois anos depois, para o meu nome de batismo.

— Tens noção de que em grande parte do resto do mundo — digo-lhe eu, lutando para fechar outra mala —, os Estados Unidos são vistos como um país violento e com uma sociedade bárbara dominada pelo crime, certo?

— Isto não é como ir ao cinema na baixa de Nashville — retribui ele, ignorando o meu argumento. — Londres é uma grande cidade internacional. Podes entrar num táxi e nunca mais ser vista.

— Não me parece que o Dr. Wu considere que assistires a *Busca Implacável* seja uma forma saudável de lidares com o facto de a tua filha ir passar um semestre no estrangeiro.

— Abbey.

— Pai.

— Tens 19 anos. Já é idade suficiente para poderes beber no Reino Unido. Não consigo evitar a ideia de ver a minha filha num continente diferente, com pessoas que não conheço, numa discoteca qualquer, a receber bebidas de um bando de ingleses merdosos.

— Em oposição aos idiotas americanos.

— Abbey.

Agora sei que ele se precipitou sobre o parapeito. O meu pai nunca pragueja à minha frente. Ele mal bebe um copo de vinho ao jantar se eu estiver lá. Desde o dia em que se retirou das digressões, quando eu tinha 11 anos, tem-se esforçado ao máximo para neutralizar a personalidade de estrela de *rock* do Gunner Bly e transformar-se na figura paternal perfeita. Ainda acho que aquelas fotografias dos tabloides em que ele me carrega, ainda criança, para fora de um autocarro de digressão às quatro da manhã, com um cigarro na boca, uma garrafa de whisky numa mão e eu na outra, provocaram uma onda de choque no seu ser. Assustaram-no a sério. Fizeram com que ele tivesse medo de que eu crescesse e me tornasse numa daquelas celebridades esgotadas que alternam entre participar em *reality shows* e estar em

programas de reabilitação, antes de um ataque de choro no *The View*, apenas comunicando com ele nas páginas da secção de mexericos.

O que quero dizer é que adoro o meu pai, mas ele está a tornar-se num caso perdido em termos emocionais, e a rotina do pai autoritário está a desgastar-me.

— Pai, por mais que preferisses que eu passasse o resto da minha vida universitária fechada no quarto, eu sei tomar conta de mim. Está na altura de soltar as asas, amigo. Já sou crescida.

— Tu não entendes. Eu sei como uns copos se transformam facilmente numas linhas de cocaína...

Oh, pelo amor de...

— Sim, podemos falar sobre isto mais tarde? Estou um bocado ocupada.

Termino a chamada sem esperar por uma resposta. Se lhe fizer a vontade, ele só vai ficar ainda mais agitado.

Quando me candidatei a este programa para passar o meu segundo ano na Pembrige University London, foi por sugestão do meu professor de História Europeia e num estupor induzido por *Peaky Blinders*, *The Crown* e *Love Island*. E, embora as minhas notas do primeiro ano fossem excelentes e os meus professores estivessem satisfeitos por escrever cartas de recomendação, não acreditei nem por um minuto que seria aceite. O facto de receber o e-mail fez com que toda a minha vida entrasse em curto-circuito. De repente, tive de dar a notícia ao meu pai demasiado protetor de que não só ia sair de casa, como ia deixar o país.

Com o Dia D à porta, ele não está a reagir bem.

— Talvez haja um programa online.

Quase dou um salto quando saio do armário com montes de roupa nos braços e o vejo parado no meio do quarto.

— Meu Deus, pai! O teu nível de silêncio é desconcertante para um homem da tua idade.

— E que tal esta opção? — insiste ele. — A aprendizagem online faria sentido para ti.

— Não, faria sentido para *ti*. Esquece essa ideia. Isto vai mesmo acontecer. A minha boleia vai chegar a qualquer momento. Já enviei o primeiro mês de renda às minhas colegas de casa.

O que me faz lembrar de que ainda não tive notícias delas, por isso, pego no telemóvel e descubro que tenho um par de mensagens perdidas de um número de telemóvel muito longo. Vai ser preciso habituar-me a isto.

Lee: Olá, fofa. Mal posso esperar por te conhecer. Já preparámos o teu quarto, com presentes de boas-vindas que achamos que vais adorar. Vou mandar-te a morada da casa por e-mail. Não sigas as direções do Google. São uma merda. Vejo-te amanhã. Hoje? Já perdi a conta xx

— E porque será que eu não falei com essas colegas? — pergunta o meu pai, com as rugas de preocupação no rosto a acentuarem-se. — Não sei nada sobre elas. Podes chegar lá e descobrir que a casa é um armazém junto às docas e que há homens à espera para te atirarem um saco à cabeça.

— Argh, tu és cansativo.

Escrevo uma resposta rápida à Lee e depois meto o telemóvel no bolso.

— Encontrei-as no mesmo site que a Gwen usou para encontrar uma casa partilhada para o seu semestre no estrangeiro — relembro-lhe. — Toda a gente que lá está passa por uma avaliação de antecedentes. A faculdade até recomendou esse mesmo site. É legítimo.

Como não consigo controlar os fusos horários, ainda não conseguimos conversar por videochamada para as apresentações formais. Apenas e-mails e mensagens de texto, normalmente enviados enquanto a outra está a dormir. Mas as conversas digitais que eu e a Lee trocámos nas últimas semanas foram encorajadoras. Até agora, ela parece simpática. É finalista, ou seja, alguns anos mais velha do que eu. E há duas outras raparigas que já vivem lá.

— Sentir-me-ia melhor se pudesse falar com elas — diz ele. — Talvez com os pais delas.

— Os pais delas? A sério? Eu não vou passar a noite numa festa de pijama. Elas são adultas.

Ele semicerra os olhos na minha direção, com os lábios planos.

— Isso não me faz sentir melhor.

— Sugiro que trabalhes nisso com o Dr. Wu.

Dou-lhe um pequeno sorriso por cima do ombro, que ele não aprecia de todo.

O meu pai senta-se na ponta da minha cama. Passa a mão pelo cabelo desgrenhado e coça a barba por fazer. É em momentos como este, sem qualquer razão aparente, que me lembro de como é estranho ser filha do Gunner Bly. É uma grande parte da razão pela qual eu não queria que as minhas colegas de casa soubessem quem é o meu pai antes de me poder mudar. Isso só torna as coisas... complicadas.

Toda a minha vida estive rodeada de pessoas que fingiam ser minhas amigas para se poderem aproximar dele. Sem nunca saber em quem confiar. Constantemente desiludida com relações vazias. Mudámo-nos de Los Angeles, para este rancho nos arredores de Nashville, para nos afastarmos dos que procuram a fama e dos bajuladores, em favor de um tipo de vida mais calmo. E assim é. Quase sempre. Ainda há uma ou outra pessoa estranha que passa por aqui. Um fã ou alguém que está a tentar lançar a sua própria carreira. Por vezes, um empresário à procura de vender fotografias e mexericos ao *TMZ*.

Aprendi desde muito cedo que há armadilhas e víboras em todo o lado. É por isso que nem sequer uso as redes sociais. Então não invejo as neuroses do meu pai. Só gostava que ele me desse um pouco de espaço para respirar enquanto eu resolvo as minhas próprias neuroses.

— Ouve, querida — continua ele, depois de um suspiro. — Sei que tenho sido um pouco chato, mas tens de te lembrar de que nunca fiz isto. Tu és a minha filha. Deixar-te ir embora e começar a tua própria vida é bastante assustador para um pai. Quando eu tinha a tua idade, tinha acabado de assinar um contrato discográfico e passava todas as noites numa cidade diferente, a meter-me em todo o tipo de problemas.

— Foi o que ouvi dizer — comento, secamente.

Ele sorri e baixa a cabeça em resposta.

— Então sabes que isso significa que já vi todo o tipo de maneiras de uma jovem mulher se encontrar sozinha numa cidade grande.

— Sim. Acho que foi assim que eu cá vim parar.

Ele tosse, franzindo a testa.

— Algo do género.

Não é segredo nenhum que a Nancy era uma fã que seguia o meu pai para todo o lado até que, por fim, consegui chegar ao seu quarto

de hotel. Eles não ficaram juntos durante muito tempo. O resto é história e *rock and roll*. Terrivelmente inconstantes, estas fãs.

A verdade é que tenho direito a uma ou duas indiscrições de adolescente. Outra desvantagem de ser filha do Gunner Bly é crescer a ouvir as histórias das suas muitas façanhas, mas não ter histórias ou façanhas minhas, mimada e protegida no selo hermético da sua culpa e arrependimento. Compreendo que ele só quer o melhor para mim, mas agora sou uma estudante universitária. Gostava de ao menos poder experimentar um pouco da devassidão que é habitual a uma rapariga da minha idade.

— O que estou a tentar dizer é que me preocupo contigo. Só isso.

— Ele levanta-se e pega-me na mão. — Tu és praticamente a única coisa em que eu acertei.

— Acho que a *Billboard* e a parede cheia de Grammys diriam o contrário.

— Essas coisas não importam em comparação com ser teu pai, ouviste?

Uma lágrima vem-lhe aos olhos, o que me deixa engasgada. Nada me faz chorar como ver o meu pai emocionado. Somos os dois sensíveis nesse aspeto.

— Eu amo-te — digo-lhe. — E vou ficar bem. Significa muito para mim que estejas de acordo com isto, está bem? É importante.

— Promete-me apenas que vais tomar boas decisões. E lembra-te de que nada de bom acontece depois da meia-noite.

— Eu prometo. — Dou-lhe um abraço e um beijo na cara.

— Sabes que podes sempre voltar para casa, não sabes? — Ele não interrompe o abraço, por isso não me afasto; sei que ele precisa disto. — A qualquer altura. Dia ou noite. Basta dizeres e eu tenho um bilhete à espera no aeroporto.

— Eu sei.

— E se te meteres em qualquer problema. Não importa o que seja. Se fores parar a um sítio onde não queres estar ou se fores parar à prisão...

— Pai...

— Seja o que for, liga-me e eu resolvo. Sem fazer perguntas. Nunca teremos de falar sobre isso. É uma promessa.

Limpo uma lágrima do olho e mancho-lhe a camisa.

— Está bem.

O meu telemóvel toca. É uma mensagem do motorista a dizer que está lá fora. Solto um suspiro nervoso.

— Está na hora de ir.

É real. Isto está mesmo a acontecer.

Até agora, só pensava na liberdade e na aventura de atravessar um oceano. De repente, o medo e a incerteza apoderam-se de mim. E se eu odiar as minhas colegas de casa? E se elas me odiarem? E se a comida britânica for nojenta? E se toda a gente na faculdade nova for muito mais inteligente do que eu?

Um instinto urgente de mergulhar para debaixo da cama aperta-me o peito.

Como se ouvisse as minhas ansiedades, o meu pai consegue entrar em modo paternal. De alguma forma, agora é ele quem me está a tranquilizar a mim.

— Não te preocupes — começa, atirando a minha mochila para cima do ombro e agarrando na mala de viagem. — Vais deixá-los sem fôlego.

Juntos, arrumamos a bagagem na limusina que me vai levar ao aeroporto. O que faltar será enviado diretamente para a casa. Nem sei se estou a respirar quando o meu pai me dá um último abraço e me enfia um maço de dinheiro no bolso.

— Para emergências — diz ele. — Amo-te.

Durante a maior parte da minha vida, esta casa de campo pareceu-me uma prisão confortável, destinada a fazer-me esquecer que estava presa aos seus limites. Por fim, consegui afastar-me, mas nunca parei para me perguntar o que faria quando estivesse livre. O mundo lá fora é aterrador e está cheio de maneiras de me partir os dentes.

E eu não podia estar mais entusiasmada.

✱

Já passa da meia-noite, hora local, quando aterramos em Londres, vendo as luzes da pista esbatidas na janela salpicada de chuva enquanto uma voz lá em cima nos diz para adiantarmos os relógios.

Depois de um voo de quase dez horas, tenho vontade de sair do avião a correr. A minha bexiga grita comigo e sinto os pés inchados. Um tipo de urgência delirante apodera-se de mim enquanto estou no corredor, ansiosa e inquieta, com as malas na mão, pronta para desembarcar. A porta é aberta e eu avanço a passos largos pelo corredor até ao terminal e à casa de banho mais próxima.

Passa da uma da manhã quando o meu motorista carrega as últimas malas na bagageira do carro preto. Dou-lhe as indicações da Lee, e ele garante-me que consegue encontrar Notting Hill na perfeição.

O meu corpo continua a pensar que nem sequer são oito da noite, à medida que encosto a cara à janela e vejo as luzes de Londres a passar.

Não sou viajada, graças a um pai demasiado protetor que vê assassinatos em cada esquina, por isso ainda fico impressionada quando os lugares parecem exatamente como nos filmes. A arquitetura, os pontos de referência. Aquelas cabinas telefónicas vermelhas. É quase surrealista. Devoro a cidade com os olhos, olhando de vez em quando para a frente e engolindo em seco perante o trânsito que se aproxima, apenas para me lembrar de que estamos do outro lado da estrada. O condutor ri-se de mim pelo espelho retrovisor.

É justo, senhor. É justo.

Decido desabafar na viagem até à minha casa nova, abraçando o estereótipo da típica americana rural de olhos arregalados, enquanto olho sem pudor para os autocarros de dois andares e faço perguntas idiotas ao meu motorista só para ouvir o seu sotaque. No entanto, sem o trânsito da hora de ponta, a viagem termina demasiado depressa quando chegamos a uma rua residencial pitoresca, com casas geminadas de tijolo e em tons pastel.

Aproximamo-nos lentamente de uma casa eduardiana de dois andares, com fachada de estuque estilo casca de ovo. Todas as casas têm alpendres com colunas e portões de ferro à altura da cintura, que envolvem pequenos jardins com vasos, antes de subirem os degraus para as entradas cobertas. Um nervosismo sobe-me pelos pés ao ler o número 42 na porta da casa à esquerda.

A luz do alpendre está acesa, à minha espera.

— É melhor ver se está alguém acordado — digo ao condutor, mas mais a mim própria, enquanto me forço a agarrar o puxador da porta.

As janelas da frente brilham por detrás das cortinas brancas. Provas suficientes de que sou esperada, embora agora me questione se não deveria ter apanhado um voo noturno para chegar a uma hora razoável. Fazer com que a casa toda fique acordada talvez não seja uma boa primeira impressão.

Aqui vai.

Com uma pancada na porta, sustenho a respiração. Já pensei uma dúzia de vezes em como isto podia correr horrivelmente. Podíamos odiar-nos de imediato. Pelo que percebi, as minhas colegas de casa são todas um ou dois anos mais velhas do que eu. E se a paciência delas para a americana sem noção se esgotar numa semana ou duas?

Volto a ficar ansiosa quando vislumbro algum movimento no interior. As cortinas balançam antes de a porta ser aberta.

Para minha grande confusão, um rapaz negro esguio, com uma camisola de alças folgada e calças de seda estilo boémio, de pernas largas, está no limiar da porta.

— Eu sabia que serias ruiva. — Ele sorri-me de forma radiante e amigável.

— A Lee está em casa?

— Ocasionalmente. Mas já bebi dois terços de uma garrafa de vinho *merlot*, por isso não prometo nada.

Isto foi uma resposta? Ainda estou perplexa.

— Chamo-me Abbey. — Mordo o lábio. — Vou mudar-me para cá.

— Eu sei, amor. — Ele olha por cima da minha cabeça e acena ao motorista.

— Lamento ter mantido toda a gente acordada. Devia ter considerado a diferença horária quando marquei o voo.

— Não foi toda a gente. Amanhã vais conhecer os outros rapazes. Eles hoje foram sair.

Pestanejo stupidamente.

— Rapazes?

— O Jack e o Jamie. — Abrindo-me a porta, ele puxa-me para dentro. — É melhor não esperarmos acordados. Vais ouvi-los entrar por volta das quatro. Tenta não fazer julgamentos até eles terem comido as suas torradas matinais.

O rapaz deixa a porta entreaberta para o motorista, que tem a bagageira aberta e está a empilhar as minhas malas no passeio.

A minha confusão está lentamente a dar lugar a uma clareza inquietante.

— Tu és o Lee?

— Desde que nasci. — Ele tira-me a mochila do ombro e coloca-a sobre o dele, fazendo uma pose de modelo de catálogo. — Eu sei, sou mais radiante em pessoa.

O interior da casa é luminoso e arejado. Um alívio, tendo em conta o mau tempo. Há um hall de entrada pequeno na base de uma escada, depois um corredor apertado com uma sala de estar de um lado e uma cozinha ao fundo. É uma mistura de mobiliário moderno, caro e desirmanado, como se as páginas de uma revista de decoração de interiores tivessem sido todas misturadas e despejadas numa só casa.

— Mas a Lee é uma rapariga — digo, com ênfase.

Ele arqueia-me uma sobrancelha.

— Não deixes que estas maçãs do rosto impecáveis te enganem.

— Não, quero dizer, eu devia estar a viver com raparigas. Será a casa errada?

— Não se fores a Abbey Bly. — Ele olha-me com uma preocupação cética. Como se eu fosse a mulher histérica a lutar com um carrinho de compras no corredor dos cereais. — Chamo-me Lee Clarke. Bem-vinda a Londres.

2

O meu pai vai matar-me.

Esqueçam os crimes de Londres. Daqui a cerca de dez horas, terei um assassino do Tennessee à minha porta, pronto a estrangular-me por este erro estúpido. Bem, erro inocente, na verdade. Mas a semântica não me vai salvar da morte iminente.

Continuo a olhar para o Lee.

— E os outros colegas também são rapazes? — murmuro, mais para mim mesma, quando reparo nos ténis no canto e nos casacos pendurados nos ganchos atrás da porta.

— Temo que sim, amor. — Ele faz-me um beicinho que denota pena. — Mas não deixes que o cheiro deles te desanime. Tirando isso, até são muito bonitos.

Começo a reler os e-mails e as mensagens de texto na minha cabeça, à procura de pistas. Quando me inscrevi no site de partilha de casa, marquei a caixa para colegas de casa do sexo feminino. Achei que...

— Espera, mas porque é que pediram uma colega de casa mulher?

Não é que o Lee esteja a emitir vibrações assustadoras, mas isto é exatamente o tipo de coisa de que a paranoia vívida do meu pai me avisou.

— Online, queres tu dizer? Para nós não fez diferença. Deixei a preferência de género em aberto.

Perfeito. Nunca me senti tão pessoalmente atacada por nomes andróginos.

É exatamente isso. Sinto este plano inteiro a explodir-me na cara. Não só o meu pai vai ficar furioso por eu estar a partilhar casa com três

rapazes, como vai vê-lo como uma prova de que não sei cuidar de mim mesma. Uma tarefa simples e, ainda assim, eu consigo estragar tudo.

— Estás bem? — O Lee está a franzir o sobrolho.

Esfrego uma têmpora, sentindo uma dor de cabeça a chegar.

— Isto é embaraçoso.

— Tenho a cura para isso.

De seguida, ele vai até à cozinha e volta pouco depois com um copo de vinho, que me entrega.

— Aqui está. Para os nervos.

Bebo um gole apressado. Não sei se ajuda, mas, quando o motorista coloca o primeiro carregamento de malas à porta, aceito que não se trata de uma alucinação de *jet lag*. Não estou no avião, a sofrer de um sonho febril provocado por champanhe e comida de avião.

Bem, que merda.

— Eu estou bem — minto, porque um colapso dez segundos depois de chegar parece-me indelicado. — Estou apenas cansada. Foi um voo longo. De qualquer forma, estas coisas acontecem, certo?

— Acidentes felizes. — Ele encolhe os ombros. — Gosto de pensar que sou uma pessoa a quem tudo acontece por uma razão. Quero dizer, não sou, mas gosto de pensar que sou. — O Lee sorri para si próprio e sacode o cabelo. — Veremos, Abbey Bly. Quem sabe isto possa ser o início de uma amizade muito bonita.

Sim, claro, se amanhã por volta desta hora não me mandarem de volta para um avião. O Lee parece fixe e tudo mais, mas não estou a ver como é que vou conseguir ficar por cá tempo suficiente para me tornar em mais do que uma anedota.

Parecendo sentir o meu desconforto crescente, o seu sorriso vacila.

— Ei, está tudo bem — garante-me ele. — Isto não é aquilo de que estavas à espera. Prometo que não somos um bando de esquitos. E és bem-vinda. Mas se te sentires melhor em ficar num hotel esta noite, eu percebo perfeitamente. Tira uma noite para ti, para ver como as coisas ficam de manhã.

Estou a considerar a oferta dele. Podia dar meia-volta e voltar para o carro. Passar a noite a contemplar a minha situação e voltar a abordá-la quando todos os colegas de casa cá estiverem. Mas depois teria de usar o cartão de crédito para pagar o hotel e os extratos iriam

para o meu pai. Além disso, tenho quase a certeza de que por esta altura ele já deve ter alertas programados para o caso de eu gastar mais do que cinquenta dólares. Antes sequer de conseguir deitar a cabeça na almofada, haveria de receber uma chamada frenética a perguntar o que raio ando eu a fazer.

Não. Apesar deste contratempo, lembro-me de que passei as últimas semanas a conversar com o Lee por e-mail. E ele foi muito bem avaliado pelo site de partilha de casas. Além disso, não me parece que seja um assassino. Gosto de pensar que tenho um bom radar para maníacos homicidas.

— Se não te importares — digo-lhe —, gostava de ficar.

— Muito bem. — Com um sorriso no rosto, o Lee sacode a cabeça em direção às escadas. — Vamos deixar as gentilezas e a visita guiada para amanhã. Vem ver o teu quarto.

No cimo dos degraus, ele informa-me de que os quartos do Jack e do Jamie são lá ao fundo, à direita. Caminhamos para a esquerda, em direção a três portas.

— A casa de banho é ao fundo do corredor. Eu e tu partilhamo-la. — Não me dou conta de que faço uma careta, mas o Lee é rápido a intervir. — Acredita em mim, não queres ver o que o Jamie faz com a casa de banho deles.

Paramos entre duas portas, uma em frente à outra.

— Este é o meu quarto — diz ele, apontando para a esquerda. Depois, abrindo a outra: — E este é o teu.

Sustenho a respiração, surpreendida. Esperava paredes em branco e talvez uma colcha atirada para cima da cama, mas este quarto é muito mais do que isso.

— Espero que gostes. — O Lee encolhe os ombros, de forma modesta. — Não consegui conter-me.

Decorado em tons de branco, cinzento e creme, o quarto oferece um ambiente tranquilo e acolhedor. A cama está adornada por um edredão, mantas e almofadas macias. Tapetes sobrepostos cobrem o chão de madeira. No parapeito da janela, vasos de plantas cuja folhagem pende em direção ao chão. Há um armário, uma secretária e uma cómoda com uma televisão de pequenas dimensões.

— Fizeste tudo isto para mim?

Viro-me para ele, em choque e espanto. É demasiado. Quero dizer, é perfeito. Mas deve ter requerido tanto esforço.

Ele revira os olhos.

— A última rapariga tinha um gosto de merda. — O Lee pousa a minha a mochila ao lado da cómoda. — De qualquer modo, é apenas o essencial. Não podia deixar-te dormir num colchão vazio.

— Obrigada. Isto é espetacular.

Ele solta uma gargalhada e afasta-se.

— E por estares aqui para me receberes — continuo. Porque, dadas as circunstâncias, podia ter corrido pior.

— Não tens de quê, Abbey Bly. A casa de banho é toda tua se quiseres tomar um banho ou refrescar-te. Vou buscar o resto das malas.

A viagem fez-me sentir suja e exausta, por isso aceito a oferta dele e decidimos guardar o resto das introduções para amanhã. Depois, deito-me na cama com o cabelo ainda molhado enquanto aprecio os sons da casa à noite. Olhando para o teto, não faço ideia do que vou fazer em relação ao meu pai.

Adoro este bairro. Passei semanas obcecada com as fotografias que vi online das ruas arborizadas, dos cafés e das livrarias. Encontrar uma casa suficientemente perto do campus não foi fácil, uma vez que a situação imobiliária em Londres é muito cara. Se desistir desta casa, há poucas hipóteses de encontrar outra que me satisfaça. Em especial tão perto do início do semestre.

Mas o meu pai vai-se passar. Nem pensar que ele me deixa ficar quando descobrir.

E se eu não tiver um sítio para viver, ele ficará encantado por me arrastar de volta para casa.

Adeus, Londres.

✱

É a coisa mais estranha. Acordo com os sons dos carros que passam à minha janela, das bicicletas e das pessoas a passear os cães. As entoações auditivas de uma comunidade a despertar para um novo dia, algo que não experienciava com regularidade há anos. No rancho, só há pássaros e os passos pesados do meu pai, sem outras casas por perto.

Desde que saímos de Los Angeles, quando eu era criança, nunca mais ouvi os camiões do lixo ou o som dos carros à janela do meu quarto. Tudo sinais que me recordam da distância a que estou de casa e de quão perto estou de uma das maiores cidades do mundo. Começa a parecer real, esta viagem que tracei para mim própria.

É o suficiente para sacudir o *jet lag* do meu cérebro. De seguida, sinto o cheiro a bacon, salsicha, ovos e torradas, e o meu estômago rosna-me. Acho que aqueles palitos de pretzel que guardei do avião não foram grande coisa enquanto jantar.

No andar de baixo, hesito um pouco antes de entrar na cozinha, onde ouço o barulho de utensílios a bater em panelas de metal e alguém a remexer em todos os armários. É como quando uma pensão parece ser sempre intrusiva e estranhamente inóspita. Vivo aqui, mas ainda não completamente.

— Ótimo — solta o Lee, erguendo o olhar do fogão para reparar em mim, por cima do ombro. — Já acordaste. Não tinha a certeza se ias dormir a maior parte do dia ou não.

— Normalmente, o *jet lag* atinge-me no segundo ou terceiro dia. O mais provável é ficar acordada a noite toda.

Estou um pouco distraída com a sua aparência. Ele está muito diferente. Como se a noite passada tivesse sido uma alucinação, hoje está vestido para passar uma tarde na cidade: calças chino azul-escuras e uma camisa engomada por baixo de um colete, rematada com um laço de seda e um cinto de cabedal castanho. Por detrás dos seus óculos de aros grossos, é quase outra pessoa.

— Senta-te. — Ele coloca um prato com um garfo e uma faca no balcão. — Ainda não deves estar pronta para o pequeno-almoço inglês completo. Vamos começar devagar.

De seguida, começa a encher-me o prato com colesterol suficiente para abater um hipopótamo. Não que eu me esteja a queixar.

— Que cheiro espetacular. — Encho a boca de ovos antes sequer de ele parar de tirar a comida da frigideira. Não sinto o sabor, mas absorvo cada dentada.

O Lee ri-se para si próprio, abanando a cabeça.

— Que foi? — pergunto, com a mão sobre a boca.

— Americanos. Para vocês, tudo é *espetacular*.

— Oh. — Há um jarro de leite com alguns copos vazios, por isso sirvo-me e bebo-o para acompanhar os meus ovos. — Estes ovos estão ótimos.

— Muito melhor.

— Tudo bem, amigo? — Um rapaz alto e musculado, com cabelo castanho curto, entra na cozinha por trás de mim. Está descalço, com calças de ganga amarrotadas e uma t-shirt com a qual parece ter dormido. — Quem é esta?

— Abbey, Jamie — introduz o Lee, preparando outro prato para o recém-chegado. — Jamie, Abbey.

O rapaz inglês com o aspeto pálido que me habituei a esperar graças às comédias românticas vai até à chaleira, no fogão, e prepara uma chávena de chá, que traz para a cadeira ao meu lado. Uma vez sentado, tira um pedaço de bacon do meu prato com um piscar de olhos sedutor.

— Olá, Abbey. — Ele pestaneja, e eu tenho a certeza de que essa rotina, juntamente com as suas feições aristocráticas e o sorriso elegante e juvenil, funciona sempre. — Dormiste bem?

Aceno com a cabeça, com fervor.

— Otimamente bem. — Isso arranca uma pequena gargalhada ao Lee.

O Jamie acena com a cabeça.

— Ainda bem.

Com a espátula na mão, o Lee paira sobre o prato de salsichas.

— Queres que te prepare um prato?

Apesar de o Lee lhe dirigir a pergunta, o Jamie não ergue os olhos da sua torrada com compota.

— Quem é ela? — pergunta ele, desdenhoso.

— Estás a perguntar-me porque não te lembras do nome dela? — O tom do Lee é irónico.

— De quem estamos a falar? — pergunto, com curiosidade.

— É essa a questão, não é? — O Lee inclina a cabeça quando o chão range por cima das nossas cabeças. Ouvimos passos rápidos seguidos de uma porta a ser fechada à pressa. — Não me podes dizer que aqueles são os passos do Jackie.

O Jamie, que ao que parece estava a falar para a sua torrada, encolhe os ombros.

— Devem ser ratos.

Ouvimos uma série de passos muito mais lentos e pesados a descer as escadas. Depressa descubro que pertencem a um rapaz louro do tamanho de uma montanha, bronzeado e sem camisola, com barba por fazer à volta do maxilar e mais abdominais do que eu tenho pestanas. Este deve ser o Jack. Embora pudesse facilmente passar pelo Thor. A única coisa que lhe falta é um martelo grande.

Talvez o guarde nas calças...

Juro que consigo ouvir a voz da Eliza na minha cabeça.

— Sabes que há uma mulher seminua a correr lá em cima? — pergunta ele, com um sotaque australiano forte, sentando-se na cadeira em frente à minha, do lado oposto do balcão.

Quando ele se inclina na minha direção para pegar no prato dos ovos, mostra um sorriso encantador que me tira do eixo.

Cum caraças. Nunca vi um homem tão atraente. Maxilar quadrado perfeito e covinhas cativantes. Bíceps do tamanho das minhas coxas.

— Parece haver alguma confusão quanto ao facto de ela poder ser um monte de ratos num disfarce de humana — diz o Lee, lançando um olhar sarcástico ao Jamie, que continua empenhado no seu pequeno-almoço.

O Jack olha para mim.

— Tu não és feita de um monte de ratos num disfarce, pois não? Abano a cabeça.

— Chamo-me Abbey. Podes tratar-me por, hum, Abbey.

Oh, meu Deus. *A sério?* Que raio mais me chamaria ele? Susan? Ele contorce os lábios, achando piada.

— Chamo-me Jack. — Uma pausa. — Podes tratar-me por Jack.

O Lee está a rir-se ao fogão. Imagino quão vermelhas as minhas bochechas devem estar neste momento.

Felizmente, o Jack acaba com o meu sofrimento, ignorando o meu ataque de insanidade sem mais comentários.

— Certo. Então, eu e a Abbey não somos ratos. Ainda bem que isso está resolvido.

Os seus olhos são hipnotizantes de tão azuis. Tão cósmicos e brilhantes que só me apercebo de que os estou a fitar quando ele sorri de forma perspicaz e me pisca o olho, dizendo-me que fui apanhada.

Boa, Abbey. Que subtil.

— Só estou preocupado com a pobre rapariga. — O Lee está do outro lado do balcão e começa a comer o seu pequeno-almoço, mas sobretudo desafia o Jamie a olhar para ele. — Achas que ela está perdida?

— Não há rapariga nenhuma. — Um Jamie teimoso salga os seus ovos, ficando ainda mais indignado.

O Jack tem a envergadura de um Boeing 747. Enquanto come, os seus cotovelos batem nos meus, embora ele não pareça reparar.

— Achas que ela rastejou para fora do guarda-roupa dele?

O Jamie inclina-se para me sussurrar ao ouvido.

— Sê uma querida e muda de assunto, sim?

— Abbey... — adverte o Lee, com a voz grave. — Lembra-te de quem te fez esse bacon.

Como adoro os desesperados e os oprimidos, atiro uma boia de salvação ao Jamie.

— Então, digam-me. Há quanto tempo é que vivem juntos?

O Lee revira os olhos.

— Típico.

O Jamie inclina-se e dá-me um beijo na bochecha.

— És uma flor, Abbs.

— Mudámo-nos para cá no outono passado — responde o Jack, enquanto mastiga.

— Como é que se conheceram? Já são amigos há muito tempo? — pergunto.

Ele olha para os outros dois.

— Foi naquela festa durante as férias, não foi? Naquele sítio espanhol com as cabeças todas lixadas na parede.

Ergo uma sobranceira.

— Cabeças?

— Não havia cabeças — diz-lhe o Jamie. — E foi antes das férias da primavera. Foi no apartamento daquela rapariga, a Cara, em Chelsea. Tu sabes de quem estou a falar.

O Jack empilha ovos e salsichas numa torrada, dobra-a e enfia-a toda na boca. Engole a comida e depois diz:

— Lembro-me de que roubaste batatas fritas de um camião.

— Eu deixei-lhes quarenta libras.

— Quanto é que achas que custa um saco de batatas fritas?

— Estão ambos enganados — interpõe um Lee exasperado. — O sítio com as máscaras na parede foi onde o Nate deu o seu concerto na noite em que o Jack apareceu com aquele gajo do rãguebi. Aquele que ficou furioso quando a namorada saiu da casa de banho com o batom todo espalhado na cara do Jamie.

— É isso mesmo. — O Jack bate com a mão no balcão e aponta para o Jamie. — Levaste um pontapé no cu. — Ri-se ele, e o som profundo faz com que o meu coração bata um pouco mais depressa.

— Oh, vai-te lixar, Campbell — diz o Jamie.

— Oh, não. — Tento conter o meu riso nervoso perante a ideia do Jamie a envolver-se numa briga de bar com um amigo do Jack. Porque presumo que todos os homens do tamanho do Thor viajam em grupos. — Tu não lutaste mesmo com ele.

— Ah! — ri-se o Lee, mordiscando um pedaço de torrada.

— Não — assume o Jamie. — Eu avaliei a situação e determinei que a minha própria preservação era o caminho mais prudente.

Abafo um sorriso.

— O que quer isso dizer?

— Quer dizer que ele pagou cinquenta libras ao amigo do Jack para não lhe estragar aquela cara bonita — responde o Lee. — O que no fundo significa que pagou cinquenta libras ao gajo para lhe comer a namorada.

Os três discutem durante um bocado, debatendo os pormenores da diplomacia financeira do Jamie, e é assim que o Lee explica que o Jamie é «bem abastado». Como se estivesse ligado à aristocracia britânica. No meu país, isso significaria que era algum tipo de celebridade, ou talvez o herdeiro de uma fortuna empresarial. Aqui, vem com títulos extravagantes, castelos e tudo o mais.

Enquanto passamos o resto do pequeno-almoço a quebrar o gelo e a fazer todo o tipo de perguntas para nos conhecermos, os rapazes desejam inevitavelmente conhecer melhor a americana que está entre eles. E, assim, chegamos à parte mais complicada.

— Bem, estou a tirar um curso de História Europeia. É por isso que estou aqui... obviamente. Sou de Los Angeles, mas agora vivo nos arredores de Nashville. Que fica no Tennessee.

— Los Angeles? Tipo Beverly Hills? — anima-se o Lee, com estrelas nos olhos. Eu conheço bem aquele olhar. — Conheces alguém famoso?

É sempre assim que começa. Palavra por palavra. E acaba inevitavelmente com as pessoas a bajularem o meu pai durante horas até eu deixar de ser uma pessoa real. Apenas um veículo para os seus fãs. Um canal direto para a estrela de *rock*. Portanto, minto. Constantemente. É cansativo.

— Hum, não, nem por isso. Uma vez pensei ter visto o Ben Affleck num Dunkin' Donuts. Mas era apenas um homem com um chapéu dos Red Sox.

O Lee continua a contar a história da vez em que engatou um rapaz do *Love Island* num espetáculo de drag queens em Brighton, tirando-me misericordiosamente da luz da ribalta. Tenho a certeza de que o assunto acabará por voltar à baila, mas não tenho pressa que isso chegue. O que, mais uma vez, me faz lembrar de que não só lhes estou a manter o meu pai em segredo, como também o contrário. Porque ainda não decidi se posso cá ficar.

Continuamos a ouvir o catálogo do Lee de todas as pessoas remotamente famosas que já conheceu, sem que ele se aperceba de que todos nós já nos desligámos da conversa.

— Ele fica feliz por se entreter sozinho — murmura-me o Jack. — Mas ainda estou interessado em ouvir falar de ti.

Não consigo esconder a vermelhidão que me invade as faces ao ouvi-lo. A forma como estica os lábios num sorriso leve. Ele nem sequer tem de tentar, e eu perco todo o controlo das minhas funções motoras. Os homens atraentes são do piorio.

— Vocês andam todos na Pembridge? — É a primeira coisa que me vem à cabeça na minha patética tentativa de manter uma conversa.

— Não, só o Lee. Eu estou no meu terceiro ano, na St. Joseph's. O Jamie está no último ano no Imperial College London com outros gajos importantes e futuros primeiros-ministros.

— A verdadeira questão é... — O Lee junta-se de novo à conversa, inclinando-se sobre o balcão para apoiar os dois cotovelos. — A Abbey vai ficar por cá, ou vai voltar para os Estados Unidos?

— O quê, não vais ficar? — O Jamie franze a testa. — Porquê?

O Lee solta um suspiro dramático e responde por mim.

— A filha do papá tinha ficado com a ideia de que ia dividir casa com outras mulheres. Mas eis que...

O Jamie encolhe os ombros.

— O teu papá está do outro lado do oceano, não está?

Eu aceno com a cabeça.

— Bem, sim.

Outro encolher de ombros.

— Então, mente-lhe.

— Seria uma grande mentira. — Eu nunca menti ao meu pai. Não sobre algo real.

— Só precisas de te esquivar ao assunto durante, o quê, um mês ou dois? — aponta o Jack. — Por essa altura, vais poder contar-lhe, e será tarde demais para saíres da faculdade, certo?

— Tu não conheces o meu pai. Ele é patologicamente protetor.

Por outro lado, estou a começar a sentir-me confortável aqui. Os rapazes fizeram-me sentir bem-vinda, como se já fizesse parte da casa. Não existe a estranheza que eu temia que pudesse resultar desta enorme falha de comunicação.

Além disso, há meses que ansiava por esta oportunidade. A oportunidade de explorar Londres e toda a sua história e arquitetura. O acesso a uma biblioteca de classe mundial em Pembridge. E, acima de tudo, uma oportunidade de existir fora do olhar contínuo e vigilante do meu pai. Sei que as suas intenções são boas, mas chega a ser sufocante viver na sua sombra.

Aqui, mesmo sob os céus sombrios de um verão inglês tardio, há luz do dia.

Por isso, quando os rapazes pedem gentilmente uma resposta, sustenho a respiração e evito as consequências.

— Está bem. Eu fico.

O rosto do Lee ilumina-se.

— Sim! Estou tão entusiasmado para...

Ele para, de repente, quando passos apressados descem as escadas e atravessam o hall de entrada, acompanhados por um borrão de cor. Depois de a porta da frente ser fechada atrás da mancha que saiu, olhamos para o Jamie, que se limita a encolher os ombros.

— Estes ratos são enormes.

3

O Sol mal está a espreitar por cima das árvores em Nashville quando envio uma mensagem ao meu pai depois do pequeno-almoço, mas ele responde de imediato.

Pai: Espera, filha. Vou ligar-te por videochamada.

Não sei se consigo mentir cara a cara, por isso esquivo-me.

Eu: Estou cheia de coisas para arrumar. Só queria ver como estavas e dizer-te que estou bem.

Pai: O voo foi OK? Como é a casa? Tão boa quanto as fotografias? Tens o teu próprio quarto, certo?

Tendo demasiado tempo livre, ele ficou num frenesim, obcecado desde a última vez que falámos. Como de costume.

Eu: Sim, está tudo bem.

Pai: E as tuas colegas? São boas raparigas?

Odeio esta sensação. Dá-me um aperto no estômago saber o que estou prestes a fazer.

Eu: Sim, são ótimas. Esta manhã, comemos o pequeno-almoço juntas. Acho que vou gostar de cá estar.

Não é dos momentos de que mais me orgulho. A mentira lança uma sombra sobre o que, de resto, seria uma oportunidade extraordinária, a possibilidade de alargar os meus horizontes e, ao mesmo tempo, melhorar a minha educação.

Mas saber a verdade agora só iria agravar o já elevado estado de ansiedade de separação do meu pai. Daqui a umas semanas, no entanto... Um mês ou dois. Por essa altura, ele já se terá adaptado, terá aceiteado o vazio do ninho. Por essa altura, digo-lhe. Por essa altura, tenho a certeza de que ele vai perceber por que razão tive de falsificar alguns factos.

Pai: Bem, não te habitues assim tanto. Já estou a contar os dias para o teu regresso.

Ele é tão sensível.

Eu: O Natal há de chegar antes que te dê conta. Não faças a árvore sem mim.

Pai: De acordo. Liga-me mais logo. A qualquer altura. Nunca é demasiado cedo ou tarde.

Talvez lhe devesse procurar um coelho de apoio emocional ou algo do género.

Eu: OK. Amo-te. Adeus.

Batem à porta num ritmo rápido e o Lee abre-a para me informar de que há uma reunião de colegas de casa daqui a dez minutos. Isso dá-me tempo suficiente para responder à Eliza, que me enviou algumas mensagens ontem à noite.

Eu: Adivinha quem acabou a viver numa casa com três rapazes?

Para meu espanto, ela está acordada.

Eliza: São atraentes?

Eu: Acho que um deles é gay, mas sim.

Eliza: Sua porca.

Eu: Um deles chama-se Jack, é australiano e joga rãguebi.

Eliza: E tu queres ter dez mil filhos jogadores de rãguebi com ele.

Eu: Tenho a certeza de que ele podia dobrar um cavalo ao meio.

Eliza: Porca a dobrar.

Eu: Não contei ao meu pai. Ele acha que eles são raparigas. Portanto, mantém isto em segredo, OK?

Eliza: Lol. Sim, não lhe digas. Pelo menos até me enviases uma foto desse Jack Sexy jogador de rãguebi.

Preciso mesmo de aprender alguma coisa sobre rãguebi.

Lá em baixo, na sala de estar, encontro o Lee num cadeirão junto à lareira. O Jack e o Jamie estão sentados nas duas extremidades do sofá, com o Jamie a fazer *scroll* no telemóvel de forma compulsiva.

Quando entro, o Lee pede-me que tome o lugar entre os dois com um gesto pouco subtil. Sento-me e digo a mim própria que não estou nada desiludida por o Jack ter vestido uma camisola.

— OK — começa o Lee, olhando para o seu relógio. — Convoquei esta reunião para reiterar algumas regras da casa.

— Será que podemos despachar isto? — resmunga o Jack. — Estava prestes a ir fazer exercício.

O Jamie resmunga.

— Estás sempre a fazer exercício.

— Exatamente. Devias experimentar. Para ganhares algum músculo nesses braços de lápis insignificantes.

— Porquê? — bufa o Jamie. — Tenho este aspeto sem sequer me esforçar.

— Sim, eu sei. É disso que estou a falar.

Apertando a cana do nariz, o Lee solta um suspiro longo.

— Já acabaram, ou querem que eu e a Abbey validemos as vossas respetivas masculinidades e vos digamos como são os dois devastadoramente atraentes?

— Não — responde o Jack, mostrando aquele ar convencido. — Eu sei que sou.

Podes crer que sim. Sou capaz de entrar em erupção por estar sentada tão perto dele.

— Eu também — adiciona o Jamie, empinando o queixo.

O Jamie tem de facto uma certa elegância metropolitana. Atraente, sem dúvida. Mas não faz o meu género. Não gosto de tipos que perdem mais tempo com o cabelo do que eu.

— Continuando... — O Lee retoma. — A regra da casa.

Ah, OK. Ao que parece, reduzimos a lista de «algumas regras da casa» para apenas uma.

Depois, olha diretamente para mim, como se estivesse a envolver a minha alma com os dedos.

— Não há qualquer tipo de confraternização entre colegas de casa. Oh.

— Também conhecida como a «regra do Jamie» — continua o Jack, de forma prestável.

O Jamie não responde, continuando a olhar para o telemóvel e parecendo deliberadamente desinteressado.

O Lee revira os olhos.

— Obrigado, Jack.

— Porquê a «regra do Jamie»? — pergunto, quando eles não entram em pormenores.

Cruzando as pernas, o Lee vira a cabeça para o Jamie, que parece estar a ser castigado.

— Queres explicar, Lorde Kent?

O Jamie começa a sua explicação com um suspiro cansado.

— Bem, sabes, Abbey, alguns de nós querem que acredites que a nossa situação de vida anterior se tornou insustentável na sequência de uma breve e nada notável ligação entre dois adultos que coabitavam e se relacionavam com consentimento.

Contenho uma gargalhada.

— O que é que fizeste à rapariga?

— Vês? — responde o Jack, ao meu lado. O seu riso profundo faz-me saltar o coração. — Ela percebe.

— Porque é que será que toda a gente pensa que eu sou o vilão? — pergunta o Jamie.

O Lee sorri-lhe.

— Amor, durante a tua última paixoneta, aquela rapariga partiu-me o alisador de cabelo e dois dos pratos bons cá de casa.

— O teu alisador de cabelo? — repito.

— Para as minhas perucas — diz ele, como se fosse óbvio. — De qualquer forma, eu não a culpo.

— Fizeste pouco dela, amigo — concorda o Jack.

— A situação podia ter sido mais bem resolvida por ambas as partes — admite o Jamie. — Vamos acabar nestes termos.

O Lee, no entanto, está disposto a falar mais sobre o assunto. Ele é rápido a contar-me como o namoro dos dois se complicou quando a tendência do Jamie para o poliamor foi uma surpresa indesejada para ela.

— Ele é um rato traiçoeiro — diz o Jack. — A trazer raparigas às escondidas e a dormirem juntos a duas portas do quarto dela.

— Portanto, para ti, uma vez que eu durma com uma rapariga, devo estar exclusivamente ligado a ela para o resto da minha existência. É isso? — Exasperado, o Jamie agora emprega uma defesa de garganta cheia. — Eu não sabia que tinha casado com ela.

— Estou a sentir que a coisa ficou feia. — Dirijo-me ao Lee, cuja expressão de resposta sugere que isso é um grande eufemismo.

— Foi tóxico — declara ele. — Este aqui foi um bocado merdoso. Nem sequer quis dar-lhe um pedido de desculpas para manter a paz. Assim que pararam de falar, ela começou a atirar coisas para todo o lado. Não consegui tirá-la de lá depressa o suficiente.

— Para sermos claros — interpõe o Jack —, eu teria votado para que a Fiona ficasse.

O Jamie levanta-lhe o dedo do meio.

— Boa, amigo.

— Ela não era uma rapariga desagradável — diz o Lee, em sua defesa. — O Jamie apenas tem esse efeito nas pessoas.

— OK. — O Jamie levanta-se, visivelmente farto das críticas. — Se a minha presença já não for necessária para isto, vou-me embora.

— Amor — chama o Lee —, não fiques zangado connosco.

Depois somos só eu e o Jack no sofá, ainda apertados um contra o outro, parecendo mais conspícuos graças ao espaço deixado pelo Jamie. A atenção do Lee está agora concentrada em mim, como se tivesse ouvido a minha pulsação a acelerar.

Ou talvez seja a minha consciência culpada e luxuriosa a falar. O que é de loucos, porque não é que tenha feito alguma coisa, nem

o faria. De facto, estou a precipitar-me ao assumir que o Jack se iria interessar por mim, uma mulher mais nova e um pouco desajeitada.

— Ótimo — diz o Lee, depois de eu ter estado tanto tempo enfiada nos meus próprios pensamentos que não sei se algum deles reparou. — Ainda bem que falámos sobre isto.

O Jack dá-me uma palmadinha na cabeça enquanto se levanta, como se eu fosse um labrador.

— Escapaste por um triz, hum?

Como uma parva, sorrio e aceno com a cabeça. Mas o que será que significa?

Será que escapei do Jamie? Será que *ele* escapou de mim?

Ou estaria o Jack a falar de si próprio?

Estou mais ansiosa agora do que quando esta conversa começou. Mas o Lee tem razão. As circunstâncias secretas desta situação de vida já são suficientemente complicadas sem a confusão adicional de algum tipo de *sentimentos*. É melhor banir quaisquer ideias da minha mente. Encaixotá-las e metê-las no sótão com as minhas paixonetas de infância.

Isto nunca teria sido um problema se o Jack fosse uma rapariga, como era para ser.

4

A diferença horária continua a ganhar a guerra contra o meu relógio interno. Juntando isso à ansiedade pelo meu primeiro dia em Pembroke, levantei-me e vesti-me antes de o resto da casa ter sequer ouvido os seus respetivos despertadores. Aproveito a vantagem para dar um passeio pela vizinhança e, virando uma esquina, vou até um café onde compro um queque e um café. Aí, apercebo-me de que ainda não sei bem a diferença entre um *pence* e um *quid*, mas, graças a Deus, quase todos os sítios aceitam pagamentos por telemóvel.

Peço para levar o pequeno-almoço. É uma caminhada de três quilómetros até ao campus, em Paddington. Há muitas estações de metro para fazer a viagem, mas quero ter uma noção do sítio. Para me orientar e tudo o mais. Junto-me à brigada de peões que percorre os passeios arborizados, passando por casas geminadas e hotéis, apartamentos centenários e edifícios modernos de escritórios em vidro. Deslizo ao longo da extremidade norte dos Kensington Gardens, vedados com ferro, entre turistas, pessoas a fazer as suas corridas matinais e mães com carrinhos de bebé.

O céu está limpo e a temperatura amena quando chego ao campus. Não se trata do tradicional complexo isolado das típicas faculdades americanas, mas sim de uma série de edifícios inseridos no meio urbano, uma miscelânea de arquitetura barroca e aço brilhante. A maior parte das minhas aulas tem lugar no mais recente Colburn College, onde se realizam os cursos de educação geral obrigatórios. No entanto, o meu trabalho específico do programa e a minha

primeira aula desta manhã ficam no antigo Albert Hall, um edifício de quatro andares de inspiração francesa com esculturas ornamentadas sobre as pesadas portas de bronze. Realmente, passar por baixo daquele pórtico é de tirar o fôlego. Não é o tipo de coisa que vemos muito em Nashville.

Estou adiantada para a aula de investigação e composição. Basicamente, é uma introdução essencial à escrita acadêmica, necessária para todos os estudantes de História. Tenho de refrear a minha ânsia enquanto ocupo o meu lugar no fim da quarta fila. Suficientemente perto para participar na discussão, mas não tão perto que me marque como a mais esforçada no primeiro dia. Com a sala a encher-se, outra rapariga acaba por examinar o espaço e estabelece contacto visual comigo enquanto segue pelo corredor.

— Posso sentar-me aqui? — pergunta ela, com um sotaque britânico muito nítido.

Endireito as pernas e tiro a mala do seu caminho.

— Força.

— Não tinha a certeza de que iria chegar a tempo — diz ela, sentando-se num lugar ao meu lado. — Não estava a tomar atenção ao caminho, entrei numa loja e olhei em volta bastante confusa.

Percebo bem a sensação.

— A princípio, pensei que este edifício era um hotel.

Ela apresenta-se como Amelia, uma estudante de literatura russa em recuperação, agora em transição para a França revolucionária. A Amelia confessa que ficar obcecada com uma foto no Instagram de um autor morto não é a melhor maneira de escolher um curso. Eu respondo-lhe que não tenho tanta certeza quanto a isso.

Quando a aula começa, vejo que a professora é uma senhora bem-arranjada, de meia-idade, com um lenço que a faz parecer o tipo de mulher que se vê a receber a atenção de toda a gente no átrio, no ballet, durante o intervalo. Uma bailarina principal reformada que deixou reis e magnatas apaixonados por si.

Ela explica que o curso exige que proponhamos um tema de investigação e que passemos a maior parte do semestre a preparar um trabalho sobre o nosso tópico. Temos até ao final de setembro para encontrar o tema que queremos trabalhar e apresentar uma estratégia.

É bastante simples, embora a enorme variedade de possibilidades já me tenha deixado um pouco paralisada com a indecisão.

— Já foste à Biblioteca Talbot? — pergunta a Amelia, enquanto a professora assistente passa pelo corredor a distribuir o programa de estudos.

— Não, ainda não. Ouvi dizer que é extraordinária.

A Biblioteca Talbot continua a ser uma das minhas principais motivações para frequentar Pembroke. Desde pequena que adoro bibliotecas. Em criança, as minhas avós, que ficavam comigo quando o meu pai estava em viagem, levavam-me a campos de leitura e a feiras do livro na biblioteca pública local. Mais tarde, comecei a fazer viagens turísticas só para ver bibliotecas especialmente invulgares ou históricas, implorando ao meu pai que fizesse desvios em viagens para investigar outra biblioteca sobre a qual tinha lido na Internet. A de Pembroke, embora típica da sua época em termos arquitetónicos e estéticos, é notável pelas suas coleções de arte, história e fontes primárias.

— Há um recanto no terceiro andar, perto da entrada da ala das coleções especiais, que tem uma luz ótima — conta a Amelia, e eu tomo nota mental do local.

No final da aula, trocamos números de telemóvel, e eu vou à procura de um banco no pátio para me sentar e ligar ao meu pai. Sei que se ele não receber atualizações regulares, não há muito que o impeça de entrar num avião e aparecer à minha porta.

— Olá, querida.

— Olá, pai.

— Como está a correr o primeiro dia?

— Muito bem. Acabei de te enviar uma fotografia do edifício. De perto, é incrível. Construído em 1854 e dedicado ao Príncipe Alberto.

— Já te contei sobre a vez em que dei um concerto no Royal Albert Hall? O nosso pessoal apareceu para deixar os instrumentos no mesmo dia em que outra equipa estava a arrumar os seus, por isso houve um engarrafamento enorme nas cargas e descargas. Eu estava no autocarro, porque tínhamos pouco tempo e precisávamos de fazer o *sound check* antes do almoço, e vi o nosso motorista, o Rusty, lá fora com ar de quem ia dar uma tarefa a outro condutor.

A minha vida não se mede em anos, mas sim nas histórias do meu pai. Tem uma para cada ocasião. Quando começa, não há como interromper o comboio das suas memórias.

— Continuando, eu decidi entrar para dar uma vista de olhos e disseram-me que não podia ir ao palco porque o John Mayer estava lá. Estava a tocar guitarra e a fazer umas filmagens ou assim. Mas quando o Rusty subiu ao palco para arrancar a guitarra da mão do Mayer e dizer-lhe para se ir embora, descobriu que não era ele. Era só um gajo qualquer com uma barba fina e irregular que, de alguma forma, tinha entrado à socapa no recinto — termina o meu pai, com uma gargalhada.

— Vou estar atenta aos mimólogos do John Mayer — respondo, enquanto o meu telemóvel me toca ao ouvido.

É uma mensagem do Lee. Ele está no campus e quer encontrar-se comigo junto ao edifício da floreira para almoçar. Depois, partilha a sua localização. Observo o ecrã e vejo que ele está a dois quarteirões de mim.

Levanto-me do banco, falando com o meu pai à medida que caminho até encontrar o Lee, que está muito elegante com outro conjunto de colete e laço, com uma bolsa de couro castanha ao peito.

— Está a correr tudo bem? — pergunta-me o meu pai, ao ouvido.

— Sim — respondo, e depois digo ao Lee que é com o meu pai que estou a falar.

O Lee sorri e acena para o telemóvel em sinal de saudação.

— A Lee diz olá, já agora. Vamos comer qualquer coisa antes da minha próxima aula.

— Vocês vão ter aulas juntas?

— Não devemos ter. Ela está no último ano, a tirar Bioquímica.

O Lee passa a mão pela cabeça, para fingir pentear o cabelo para trás.

— Fico perfeito com uma bata de laboratório.

Eu calo-o, com medo de que o meu pai o ouça. Revirando os olhos, o Lee finge cerrar os lábios com um fecho.

— Tenho de ir, pai. Ligo-te amanhã.

— Tem cuidado — diz-me ele, quase como um ritual. — Adoro-te, miúda.

O Lee passa o braço pelo meu e guia-me para um café egípcio a alguns edifícios de distância. Os proprietários são um jovem casal, que o cumprimenta com acenos da cozinha, atrás do balcão. Os três conversam em árabe, e eu apanho a palavra «americana» quando o Lee acena com a cabeça na minha direção. Antes que eu possa pegar num menu da pilha que está no balcão, o Lee afasta-me a mão e faz o pedido por mim.

— Confia em mim — diz ele, enquanto nos sentamos numa mesa lá fora. — Vais gostar.

— Eu como qualquer coisa. — Estou a morrer de fome. Um queque e um café não me parecem suficientes para me aguentar pela manhã, depois da caminhada até ao campus.

A rapariga da caixa registadora traz dois copos de água e os nossos talheres. Também nos oferece um prato de pão ázimo com vários molhos.

— São teus amigos? — pergunto, assim que ela se vai embora.

— Amigos da família, do nosso bairro antigo. Este sítio ajudou-me muito no meu primeiro ano na faculdade — responde o Lee. — Deram-me um emprego a lavar pratos e a servir às mesas, e, depois, a cozinhar. A Hager ficava cá até tarde quase todas as noites para assar borrego para o dia seguinte. Eu passava por cá depois de a biblioteca fechar, à noite, e ela ia ter comigo às traseiras com um prato para levar para casa. Tomava conta de mim, sendo a minha primeira vez a viver fora de casa.

— A tua família é egípcia?

— A minha mãe. O meu pai é de Manchester. A minha mãe ensinou-me a língua, a mim e à minha irmã, porque dizia querer que nos sentíssemos ligados à cultura. Na verdade, acho que só não queria sentir-se sozinha. O meu pai nunca quis tentar. Não tem paciência.

— Dás-te bem com os teus pais?

— Somos uma família unida, sim. Os meus pais ameaçaram mudar-se para Londres quando nos candidatámos à universidade, mas conseguimos dissuadi-los, prometendo ir a casa aos fins de semana. Bem, talvez de duas em duas semanas. — O Lee empurra um molho verde na minha direção. É parecido com o *chimichurri* na textura e no aspeto, mas tem um sabor completamente diferente. — E tu? Ambos os teus pais são americanos?

— O meu pai nasceu em Los Angeles. A minha mãe... — Faço uma pausa, arrancando um pedaço de pão ázimo. — Pensando bem, acho que não sei onde a minha mãe nasceu.

— Não falam? — murmura ele, com simpatia.

— Algo do género. Os postais de aniversário que ela me envia nunca têm uma morada de retorno. Isto quando os recebo. O que normalmente acontece com algumas semanas de atraso. Agora, já não me lembro muito dela.

— E o teu pai?

— Ele também está a ter dificuldades em deixar-me ir. No início, não estava muito interessado em ser pai... Eu fui-lhe atirada para cima quando tinha 2 anos. Demorou algum tempo até que ele aceitasse a ideia. Desde então, parece que está sempre a tentar compensar esses anos. Eu adoro-o, mas é muita pressão, sabes?

O Lee acena com a cabeça.

— Acho que sei.

Quando a comida chega, tenho dificuldade em não ficar a olhar para tudo. Parece muito para um almoço. Um prato após o outro é colocado sobre a mesa.

— Eles fazem sempre isto — suspira o Lee, abanando a cabeça em sinal de divertimento. — É a maneira da Hager de dizer que estou demasiado magro.

Eu sorrio.

— Sempre quis pedir todos os pratos de um menu.

Quando começamos a comer, descubro que o Lee é um companheiro de almoço ditatorial. Ele insiste para que eu prove primeiro isto. Depois aquilo. Que una esta com aquela coisa. Depois, que experimente este molho nesta coisa. Aprecio a sua orientação durante a aventura culinária, mas, a certa altura, sinto-me como se estivesse num contrarrelógio. Em pouco tempo, estou cheia e a gemer quando ele pergunta se estou pronta para a sobremesa. Fico convencida de que o Lee tem um incinerador em vez de um estômago.

— Desculpa não te ter visto esta manhã — diz ele, quando estamos a terminar a refeição. — Queria ter vindo contigo. Certificar-me de que não ias a meio caminho de Leicester.

— Sem problema. Deu-me a oportunidade de explorar um pouco.

— Está a correr tudo bem, então?

— Até agora, sim. A aula foi boa, e acho que fiz uma amiga. Ela não se levantou e afastou quando ouviu o meu sotaque, o que já é alguma coisa.

— Muito bem. — Chega a conta, que o Lee agarra antes que eu a possa ver. — Este é por minha conta, amor. Pensa nisto como um presente de boas-vindas.

— Oh, está bem. Hum... obrigada. — Detesto deixar os meus amigos pagarem-me coisas. É uma espécie de tique meu, como quando alguém fica envergonhado por receber elogios. Não sei como o aceitar.

— Bem, não te engasgues. — Ri-se ele, reparando no meu desconforto. — Da próxima vez podes levar-me a um sítio caro. — Ele assina o cheque com um floreio e depois pisca-me o olho. — E por falar em boas-vindas. A banda do meu amigo vai tocar num bar amanhã à noite. Tu vens.

— São bons?

Pergunto-o como uma piada, mas o Lee considera a pergunta antes de oferecer um encolher de ombros triste.

— Não, nem por isso. Mas a minha irmã vai lá estar. — A expressão dele ilumina-se ao dizê-lo. — Vocês as duas têm de se conhecer. Eu *sei* que se vão adorar.

5

Na noite seguinte, a nossa amizade — outrora promissora — está prestes a desvanecer-se. O Lee alterna entre suspiros de desgosto e gemidos de impaciência enquanto examina o meu guarda-roupa, metade do qual ainda está amarrotado dentro de malas. O meu quarto está cheio de caixas que chegaram de Nashville esta tarde. Mal comecei a abri-las e já estava na altura de me preparar para o concerto do amigo dele.

— Amor, sabes que isto é seda, certo? — Ele tira uma blusa azul de um dos meus organizadores esmagados. — Não se trata os tecidos bons desta maneira. — Depois, encontra um dos meus casacos de cabedal sintético preferidos, que eu tinha pensado em usar esta noite. — Este, por outro lado...

Segura-o com dois dedos pela lapela, a uma certa distância, com o nariz franzido como se tivesse encontrado a peça no meio do esgoto.

— Estes remendos são irónicos?

— Adoro esse casaco — defendo. Está bem, talvez seja um pouco antigo, mas continuo a adorá-lo.

O Lee atravessa o quarto e deixa-o cair numa caixa de cartão vazia.

— Vamos chamar-lhe a pilha do «talvez».

Tenho a sensação de que amanhã, por esta altura, a caixa estará no passeio.

A sua abordagem passivo-agressiva ao meu estilo pessoal continua à medida que experimento diferentes versões de roupas seleccionadas. Cada uma delas provoca apenas variações de suspiros

desapontados por parte do Lee, até eu me encontrar apenas de roupa interior, ao lado de uma pilha de roupa até aos joelhos tratada como se fosse um crime de guerra. Ao que parece, o Lee tomou-as como um ataque pessoal ao seu bom gosto.

Há uma mala que ele ainda não abriu, por isso mergulha nela com um ar dececionado. Estou a dar uma segunda vista de olhos à roupa que ainda está pendurada no meu armário quando ele suspira.

— O que é isto? — O Lee segura num monte de tecidos com as duas mãos.

— Roupas? — respondo, de forma apreensiva.

Ele sorri-me.

— Até que enfim!

O Lee tira uma t-shirt preta estampada da mala, um casaco comprido e uns calções cinzento-escuros. No fundo, algo que eu usaria para andar a cavalo ou fazer tarefas domésticas. Depois, pega numa mão-cheia de colares da minha cómoda e atira-os para a minha cama, com um par de botas a rematar o conjunto. O alívio que se apodera dele é palpável.

— Roupas — declara, alegremente.

O seu telemóvel toca na minha mesa de cabeceira. Quando se aproxima para ler a mensagem, reparo num sorriso misterioso nos lábios dele.

— Quem é? — pergunto, porque sou bisbilhoteira.

— É o George. Um amigo novo.

— Um amigo especial?

O seu sorriso cresce.

— Talvez.

— Ele vai ao concerto?

O Lee ri-se de mim e abana a cabeça.

— Não é esse tipo de amigo.

— Ah. Estou a ver.

— Mas vamos encontrar-nos depois do concerto.

— Tens uma fotografia?

O Lee chama-me para mais perto e abre o Grindr para me mostrar o perfil do seu novo amigo. Inclino-me para ver melhor. O George é bonito, excetuando uma deformidade gritante.

— E esse bigode à polícia? — pergunto, espantada.

— Oh, amor, eu sei — resmunga ele. O Lee coloca o dedo sobre a metade inferior da cara do George. — Mas vês? Perfeito.

Eu rio-me.

— Talvez o consigas convencer a desistir do bigode.

— Se as coisas correrem mesmo bem, vou rapar essa coisa assim que ele adormecer.

— Lee, mano!

O Jack entra de repente no meu quarto, quando ainda estou só de sutiã e cuecas. Levanto as mãos e debato-me para perceber o que devo cobrir melhor.

— Tens algum analgésico? Estou com a cabeça a latejar atrás do olho esquerdo. O que raio se passa? Está a deixar-me louco.

Viro-me de lado na esperança de me tornar invisível para ele. Como uma presa camuflada na floresta. Exceto que sou mais como um veado pálido e sardento à luz dos faróis. Cruzamos olhares no espelho em cima da minha cómoda. Ele desvia logo o olhar quando se apercebe de que não estou propriamente vestida para receber companhia. Mas volta a olhar para mim. Só por um segundo. Vejo que algo lhe passa pela expressão, sem conseguir perceber o quê. Depois, desaparece.

— Veste alguma roupa, sim? — diz o Jack, com um sorriso imperturbado. — Este é um estabelecimento familiar.

Alheio à minha vergonha, o Lee responde ao Jack:

— Na gaveta de cima do meu toucador.

— O Lee está aí? — O Jamie aparece à minha porta, completamente nu. Tem uma toalha pendurada ao ombro. — Usaste o meu aparador? Fui agora procurá-lo, mas não está no meu armário.

Ergo uma mão para desviar o olhar, mas é demasiado tarde. A imagem do «Jamie Júnior» está gravada nas minhas retinas.

Ainda mal passou uma semana e já os piores pesadelos do meu pai se estão a tornar realidade.

— Força, querida. Dá uma olhadela — diz o Jamie, com humor na voz. — De certeza que já viste uma maçaneta destas.

— Oh — solto eu, tossindo uma gargalhada. — Não é um pouco pitoresca?

O Jack solta uma gargalhada.

— Oh, não, meu. Ela chamou-te pitoresco.

— Acho que quis dizê-lo como um eufemismo.

— Não, ela disse que a tua pilinha é doce e delicada como o tricô de uma avozinha.

Na verdade, a minha experiência com qualquer tipo de pênis limita-se a um caso de uma noite quando eu estava no secundário, com um rapaz do primeiro ano de faculdade a quem chamei generosamente de meu namorado. O sexo foi bom, mas nenhum de nós ficou devastado quando seguimos em frente.

— OK, será que posso ter o meu quarto de volta? — pergunto, com os braços estrategicamente colocados, a falar para o chão.

— Muito bem, malta. — O Lee afasta os rapazes da porta com os braços bem abertos. — Está na altura de uma reunião de casa sobre bater à porta primeiro.

O alívio apodera-se de mim quando eles se vão embora, e baixo as mãos para o lado do corpo. Vai ser preciso habituar-me à coabitação.

E a fechaduras nas portas.

*

Apanhamos boleia para o bar, o que por si só já é uma provação. O Lee apodera-se do lugar da frente e deixa-me ensanduichada no banco de trás entre o Jack, o Jamie e o pênis do Jamie. Mas é o Jack, com os seus braços esculpidos e as suas pernas musculadas pressionadas contra as minhas, que me deixa quente. Tanto pela vergonha como pelo nervosismo.

Como um arranhão na garganta a avisar de uma constipação que se aproxima, sinto a efervescência de uma paixão a nascer nas minhas entranhas. Ele está incrivelmente atraente num par de calças de ganga desbotadas e uma t-shirt com um logótipo de surf sobre o peito largo. E cheira mesmo bem. Tão bem que tenho de me forçar a não respirar por medo de suspirar sonhadoramente de cada vez que o inspiro.

Mas não respirar não é conducente a permanecer viva, por isso, não tarda, sou forçada a aspirar um gole repentino de ar. O que me faz tossir durante alguns segundos e atrai um olhar divertido do Jack.

Olhem só para ela, pessoal. A americana esquisita que ainda não percebeu o que é o oxigénio.

Estou à procura de um buraco para me esconder quando o condutor encosta à berma. Ao sair do carro, respiro o ar fresco da noite e finjo que não me sinto nada afetada pelo australiano sexy que está ao meu lado.

No interior, o bar está cheio de gente, mas não está a abarrotar. A maior parte da agitação rodeia o bar e os alvos de dardos na frente da sala. Nós contornamo-los em direção às mesas dispostas diante da pequena plataforma vazia, grande o suficiente para uma bateria, microfones, amplificadores e alguns monitores.

O Lee conduz-nos para uma mesa com duas jovens já sentadas. Uma loura pálida, com um corte pixie severo, pousa o seu martíni quando ele se aproxima. Está a usar um vestido acetinado com um decote profundo e uma tonelada de joias prateadas. Ergue os seus grandes olhos cor de mar em direção aos meus, e eu sinto-me mal vestida e a encolher-me sobre mim própria.

Ao lado dela, uma rapariga mais alta levanta-se para beijar o Lee em ambas as faces. Veste uma t-shirt justa canelada e calças de cabedal que lhe envolvem as pernas que nunca mais acabam. Ela é linda. É facilmente a pessoa mais atraente que já vi na vida.

É impossível não reparar nas semelhanças entre ela e o Lee. Têm a mesma boca. Os mesmos olhos escuros e maçãs do rosto altas. Não são idênticos, mas uma pessoa do outro lado da sala saberia que estes dois são parentes.

— A minha irmã gémea, Celeste — diz o Lee, numa apresentação. — Cece, esta é a Abbey.

— Ah. A americana.

Ando a ouvi-lo muitas vezes.

— A própria — digo, timidamente. — É um prazer conhecer-te.

— A ti também. Esta é a Yvonne. — A Celeste acena com a cabeça para a loura elegante e depois olha-me de cima a baixo.

Enquanto me examina, pergunto-me se a intervenção de moda do Lee ajudou ou só piorou tudo. Tanto a Yvonne como a Celeste estão vestidas de forma muito mais glamorosa e sensual do que qualquer coisa que eu pudesse usar. De repente, sinto-me como uma criança.

Enquanto o Jack e o Jamie correm para o bar, a Yvonne levanta-se para me cumprimentar com dois beijos no ar. Eu atrapalho-me e acabamos numa dança horrível a tentar sair do caminho uma da outra. Ela acaba por me beijar a orelha, depois o nariz, e ficamos as duas constrangidas durante a troca de cumprimentos. Com isto, acho que preferia sair do país e nunca mais voltar.

Os olhos dela cintilam de divertimento.

— OK. Isto foi certamente vergonhoso.

Pelo menos tem sentido de humor.

— Muito desencorajador — concordo. — Não é um bom presságio para o resto da noite.

Isso fá-la soltar uma gargalhada.

— Oh, não digas isso, querida. Vai ser uma noite espetacular.

— O que queres beber? — pergunta-me o Lee.

— Vinho branco? — Não tinha pensado muito sobre qual seria a *minha bebida*, agora que é legal fazê-lo deste lado do Atlântico. Esta parece-me a escolha mais segura.

— Calma contigo — ironiza a Yvonne. — Não queiras arriscar ter uma noite divertida.

É assim que vai ser, então.

A Yvonne pede outro expresso martíni e a Celeste uma cerveja. Munido dos nossos pedidos, o Lee deixa-me desprotegida sob o escrutínio das duas mulheres.

— Não deves beber muito, pois não? — adivinha a Celeste. — Não é legal na América.

— É verdade. Mas também acho que é uma espécie de stress pós-traumático — dou por mim a confessar. — Não tolero o cheiro a cerveja e a licor. Fico enjoada. Quando era criança, cheirava-os em demasia.

— Porquê? — pergunta a Celeste. — Os teus pais são alcoólicos?

Que subtil. Ela partilha definitivamente da ousadia do irmão.

Abano a cabeça.

— Não, não é isso. Mas o meu pai era um bocado festeiro, na altura. Fazia parte da vida dele.

Não sei bem porque continuo a falar. Na verdade, não quero ter esta conversa. Mas algo no olhar penetrante da Celeste cria um cocktail

de persuasão que me arranca as palavras dos lábios e me faz perder o controlo dos meus melhores instintos. Um caso terminal de querer que toda a gente goste de mim.

A Celeste semicerra os olhos.

— E que vida é essa?

— Não, ou seja... — Merda. Não sei o que estou a dizer. Encurralei-me neste canto e agora estou a lutar para encontrar uma saída. — Por causa do trabalho dele... — *A sério, Abbey?*

— Do trabalho dele — repete a Celeste. — Como assim?

Eu podia tentar esquivar-me a noite inteira, mas ela não vai deixar passar o que acabei de partilhar. A intenção nos seus olhos diz-me que já lhe sentiu o cheiro. E agora, só pela conquista, vai arranjar maneira de vencer.

Solto um suspiro rápido e rendo-me.

— Ele era músico.

Ela arqueia uma sobrancelha perfeita.

— Devo conhecê-lo?

Detesto esta parte.

— Gunner Bly.

Ela fica boquiaberta. A Yvonne inclina a cabeça. Sei como vai ser a partir daqui. Normalmente, é por esta altura que as pessoas começam a falar. Dizem-me que o meu pai é giro. O que, *não*, e é nojento.

Depois, falam de uma canção do baile de finalistas, de uma da formatura, de quando acabaram com os namorados, ou daquela vez em que perderam a virgindade no parque de estacionamento da Dairy Queen. Não percebo porque será que as pessoas pensam que eu quero saber destas coisas.

E depois, inevitavelmente, alguém é um produtor musical em ascensão. A prima é cantora. O namorado tem uma banda. Todos querem alguma coisa que eu não tenho poder para dar, e eu torno-me um adereço, um meio para atingir um fim. Qualquer relação que tenhamos tido ou pudéssemos ter tido transforma-se apenas numa troca de interesses. Não é fácil ter amigos.

Na verdade, é solitário.

Os rapazes voltam para a mesa com as nossas bebidas. A Celeste ignora a súplica nos meus olhos e vira-se imediatamente para o irmão.

— Porque é que não me disseste que o pai da Abbey é o Gunner Bly? — acusa ela.

— O quê? — O Lee ri-se, olhando para ela de lado. — Quem é que te disse isso?

— A Abbey.

— O quê, a sério? — O Jamie pestaneja na minha direção.

Eu aceno, com relutância.

— Devia conhecer esse nome? — O Jack examina a mesa. Eu sabia que havia uma razão para gostar dele.

A Yvonne passa-lhe o telemóvel. E, se não me estou a iludir, ela está a olhar para mim com respeito, talvez? É melhor do que desprezo, por isso aceito-o.

O Jack leva o telemóvel ao ouvido, prestando atenção a uma música no Spotify. Depois, a sua atenção vira-se para mim.

— Ah, é o tipo da «o coração é um moinho de vento».

Odeio essa canção. Foi um dos primeiros singles do meu pai, e agora tornou-se num cliché utilizado em todos os anúncios, bandas sonoras lamechas de séries televisivas e músicas de elevador. Como é que é possível um coração ser como um moinho de vento?

Uma vez, perguntei-o ao meu pai. Ele disse que devia estar pedrado quando a escreveu e, de seguida, acrescentou: «Nunca te metas nas drogas.»

— A sério? — Olho de relance para o grupo. — Nenhum de vocês vai fazer um escândalo disto? Porque não fazem ideia de quão refrescante isso é.

— Somos ingleses, Abbs — responde o Jamie, com o seu sotaque elegante. — Os ingleses só se preocupam com cervejas e futebol.

— Não querem mesmo saber? — Olho de relance para o Lee, que parece ser o mais suscetível a sofrer da síndrome de obsessão por celebridades. Ele interrogou-me muito quando descobriu que eu tinha crescido em Los Angeles.

— Ouço exclusivamente estrelas *pop* e baladas poderosas — responde ele, com um tom de voz sério.

Escondo um sorriso e viro-me para a Celeste, que encolhe os ombros.

— Nunca fui fã do Bly. Mas aquela música dele? «Acrimonious»? Não é terrível.

Estou tentada a escrevê-lo como uma citação e a enviá-la por mensagem ao meu pai.

«*Gunner Bly: ele não é terrível*» - *Celeste Clarke*.

Para meu alívio imediato, ninguém me pressiona para obter por menores picantes ou uma vaga promessa de um favor. Na verdade, não há grande entusiasmo, e o grupo passa rapidamente para uma catalogação nostálgica das suas playlists de quando eram miúdos.

A situação já foi há muito esquecida quando as luzes da sala são apagadas e a banda sobe ao palco. O público aplaude-os de forma decente. Provando que são capazes de se preocupar com mais do que futebol e cerveja, o Lee e os rapazes assobiam e gritam, o que provoca um aceno de cabeça do baixista enquanto liga o instrumento ao amplificador. Acima das nossas cabeças, algumas luzes de palco são acesas, altura em que a minha atenção fica paralisada.

Talvez pela primeira vez na história do *rock*, acho o baixista daquela banda sexy.

ELA VAI TER DE DECIDIR QUE REGRAS QUEBRAR E QUE CORAÇÕES PARTIR

Aos 19 anos, Abbey Bly está a caminho de Londres, para ir estudar durante um ano. É a oportunidade perfeita para se libertar da sombra do pai, um músico famoso já aposentado que ela adora, mas que por vezes se torna demasiado protetor.

Pronta para viver novas aventuras e uma vida de liberdade e autodescoberta, Abbey chega à capital inglesa cheia de vontade de conhecer as suas novas companheiras de casa... que afinal são três rapazes! Rapazes encantadores, divertidos e muito atraentes — mas também interditos, devido à regra que estabelece o distanciamento entre companheiros de casa, depois de uma má experiência com uma anterior inquilina.

Abbey nunca foi de quebrar regras, mas não tarda a que esteja a mentir ao pai acerca da casa onde vive e a apaixonar-se pelos rapazes errados. E como se isso não bastasse, vê-se rodeada de mais segredos quando a descoberta de um retrato misterioso a envolve num escândalo antigo de uma família da nobreza britânica. E à medida que vai desvendando mais acerca da mulher do quadro e dos seus interesses românticos, Abbey vai tentando perceber para que lado pende o seu próprio coração.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-194-8



9 789895 891948